



ENTRE PINCÉIS, TINTAS E PERFORMATIZAÇÕES: EXPERIÊNCIAS COM ARTE E MENINOS NO COTIDIANO ESCOLAR

ENTRE PINCELES, PINTURAS Y PERFORMATIVIDADES: EXPERIENCIAS CON ARTE Y NIÑOS EN LA COTIDIANIDAD ESCOLAR

Vanessa Drehmer¹
Pesquisadora Independente
Associado/a/e ANPAP: sim

Celso Vitelli²
Professor do Instituto de Artes do Departamento de Artes Visuais UFRGS
Associado/a/e ANPAP: sim

RESUMO

Este trabalho analisa como as masculinidades realizam atravessamentos nos fazeres artísticos dos alunos. Nos inspiramos no conceito de catadores da cultura visual de Fernando Hernández (2007) para a elaboração de um método que consistiu em procurar “migalhas” nas rotinas das aulas e que poderiam ser interessantes para as reflexões. Os dados empíricos se aliaram com a teoria, buscando resposta para a pergunta de pesquisa, sobre as formas que as masculinidades atravessam as práticas artísticas dos meninos. Os principais autores que deram embasamento teórico foram: Fernando Hernández (2000; 2007), Guacira Lopes Louro (2010; 2014), Judith Butler (2001; 2020) e Pierre Bourdieu (2000). Por fim, há muito o que estudar com relação às questões de gênero e masculinidades para que restrições performatizantes percam relevância.

Palavras-Chave: artes visuais; ensino da arte; masculinidades; performatização; heteronormatividade.

RESUMEN

Este trabajo analiza cómo las masculinidades influyen en las prácticas artísticas de los estudiantes. Nos inspiramos en el concepto de recolectores de la cultura visual de Fernando Hernández (2007) para desarrollar un método que consistió en buscar “migas” en las rutinas de las clases, que podrían resultar interesantes para las reflexiones. Los datos empíricos se vincularon con la teoría, buscando respuestas a la pregunta de investigación sobre las formas en que las masculinidades atraviesan las prácticas artísticas de los niños. Los principales autores que sustentaron teóricamente este estudio fueron: Fernando Hernández (2000; 2007), Guacira Lopes Louro (2010; 2014), Judith Butler (2001; 2020) y Pierre Bourdieu (2000). Finalmente, aún queda mucho por estudiar en relación con las cuestiones de género y masculinidades, para que las restricciones performativas pierdan relevancia.

Palabras clave: artes visuales; enseñanza del arte; masculinidades; performatividad; heteronormatividade.



O texto que apresentamos aqui faz parte da experiência realizada em estágios obrigatórios de Ensino Fundamental do Curso de Licenciatura Artes Visuais da UFRGS em uma escola situada na região norte de Porto Alegre, capital do Rio Grande do Sul. Nessas práticas, aproveitamos os momentos cotidianos das aulas na escola e o contato direto com os alunos para realizar observações pensando na definição de um problema de pesquisa que envolvesse as masculinidades, a escola e o ensino de artes.

As turmas eram pequenas, com uma média de 15 alunos, a maioria composta por meninos. Com o sexto ano trabalhou-se brevemente a exploração da criatividade e imaginação a partir de colagem e desenho em papel A3 e, também, a autoestima, com um projeto de elaboração de máscaras que representassem a eles mesmos, utilizando papelão para a base e materiais diversos. Com o sétimo ano criamos bonecos que seriam utilizados para a apresentação de teatro que a professora regente iria fazer no final do semestre. A atividade com o sétimo ano foi realizada em grupos para incentivar o trabalho em equipe e com o sexto ano, individualmente.

Assim, o problema deste artigo é pensar sobre como as diferentes masculinidades atravessam as experiências cotidianas nas aulas de Arte dos alunos. A intenção foi então realizar observações e práticas com olhos e ouvidos atentos aos detalhes do dia a dia, ao conjunto de falas, gestos, posturas e maneiras que circundavam o fazer artístico; eram estes detalhes que interessavam. Nos apropriamos da expressão “catadores” de Fernando Hernández (2007) como atribuição mais adequada para os detalhes que ocorreram no período docente com essas crianças. Para o autor, eles “não somente recolhem amostras e fragmentos da cultura visual de todos os lugares e contextos para colecioná-los e “lê-los”, como para criar narrativas paralelas, complementares e alternativas.” (Hernández, p. 18, 2007). A condição de “catador[a]”, contemplou os aspectos mais explícitos do fazer artístico e as “migalhas” que ficavam nas entrelinhas, na rotina, na postura, dos gestuais, nos assuntos das conversas, no contato físico, comportamento, gírias e tantos outros aspectos que formam o conjunto, a sala de aula.



Percebemos que o tema das masculinidades ainda é pouco problematizado dentro da educação, apesar de ser urgente que se repensem certos modos e padrões culturalmente consolidados. Assim, acreditamos que pesquisar e aprofundar tal tema é a forma que temos de insurgir ao andamento dito como “normal” de certas coisas que acontecem no campo escolar.

Metodologia

Para os momentos de docência com as crianças, um caderno serviu como uma espécie de diário, neste foram feitas anotações desde o primeiro dia de observações até o último dia das práticas. Com o celular, registrou-se fotos e vídeos de alguns momentos do processo criativo dos grupos. No diário foi escrito toda e qualquer possível “migalha” de informação para utilizar posteriormente. Com estes elementos devidamente elencados, buscamos tensioná-los com autores que trabalham com o campo da educação e de gênero, em especial, com masculinidades.

Apresentamos os dados empíricos sem identificar os envolvidos, visto que, a intenção não era nomear nenhum estudante. Abordamos as análises de forma ampla, focando em situações entre os grupos de alunos, assegurando a ética e a não identificação dos envolvidos.

O objetivo geral consistiu em analisar de que forma se manifestam aspectos das masculinidades nos fazeres artísticos dos alunos de ensino fundamental em estágios obrigatórios, como especificado acima no texto, no ano de 2023. Os objetivos específicos foram:

- 1) Identificar modelos, ídolos, inspirações comportamentais que se repetem entre os meninos.
- 2) Observar como os meninos escolhem e utilizam os materiais nas aulas e de quais maneiras procuram executar os trabalhos propostos pela professora.



3) Analisar como aspectos das masculinidades influenciam nos trabalhos artísticos e na relação dos meninos com os demais.

Modos de ser homem

As masculinidades recebem atributos culturais com variações mundiais até regionais, sendo que cada país possui uma diversidade de costumes e concepções. No Brasil temos um número imensurável de variantes culturais do que é ser homem. Atributos como ser heterossexual, forte, talentoso em práticas esportivas, em especial o futebol; imperativo, corajoso e tantos outros signos de virilidade são ensinados pela família e insistentemente lembrados e cobrados pela sociedade, inclusive dentro do ambiente escolar, onde muitos aspectos nem sempre positivos são normalizados por todos os envolvidos dentro dessa atmosfera. Para Preciado,

a escola é a mais brutal e fantoche das fábricas de heterossexualidade. Embora aparentemente assexual, a escola potencializa e fomenta o desejo heterossexual e a teatralização corporal e linguística dos códigos da heterossexualidade normativa. (Preciado *apud* Baliscei, 2021, p. 54)

A definição de performatividade abordada por Judith Butler é um dos conceitos centrais deste trabalho, pois, diferente de performance, a performatividade não é uma forma de representação de cada indivíduo, mas “(...) uma repetição regulada e restritiva de normas.” (Butler, 2020, p. 168). Pensando desta maneira, os estudantes com os quais convivemos nos quase três meses do estágio estão inseridos compulsoriamente nestas normas e performatizam de acordo com elas. Ainda, para Butler,

[...] essa repetição não é realizada por um sujeito; essa repetição é o que permite a um sujeito existir como tal e o que constitui sua condição temporal. Essa iterabilidade implica que "performance" não seja um "ato" nem um evento singular, mas uma produção ritualizada, um ritual reiterado sob e por meio da restrição, sob e por meio da força da proibição e do tabu. (Butler, 2020, p. 168)



Nessa direção, esses indivíduos nascem carregando consigo a responsabilidade de ser e agir conforme as expectativas não só dos seus pais, mas de uma sociedade que impõe determinados modos de ser próprios para meninos e outros modos para meninas. Dagmar Meyer (in Louro; Felipe; Goellner, 2010), chama esses modos de pedagogias culturais, e afirma que esses processos e forças incluem a família e a escola, mas também

meios de comunicação de massa, os brinquedos e jogos eletrônicos, o cinema, a música, a literatura, os chamados grupos de iguais, os quais produzem, por exemplo, diferentes e conflitantes formas de conceber e de viver o gênero e a sexualidade, de conceber e de se relacionar com autoridades instituídas, de conhecer o eu e o outro. (Meyer, Dagmar *in* Louro; Felipe; Goellner, p. 22, 2010)

A partir de tais atravessamentos, as crianças aprendem a existir num mundo que as separa e as condiciona a comportamentos aceitáveis. Baliscei (2021, p. 31) aponta sobre a necessidade de se generificar tudo o que for possível, e que essa necessidade não parte das crianças: “Trata-se de uma criação do mundo adulto/a que, recorre a marcadores múltiplos, dentre eles os artefatos da cultura visual, para evidenciar e tirar todas as dúvidas que socialmente podem ser tidas quanto ao gênero de suas crianças.” Desta forma, as pedagogias culturais e as masculinidades funcionam de maneira semelhante no sentido de conceber normas e diferenças. Assim sendo, a elaboração do sujeito heterossexual exige comportamentos que afastem o suposto fantasma da “homossexualidade”, e que ocorre em diversas esferas em que os rapazes estão inseridos para além do núcleo familiar, como a escola, que funciona como um dos primeiros núcleos ao qual os jovens são submetidos e que regulam as identidades de gênero. Bourdieu (2019, p. 46, grifo do autor) afirma que “cada um dos dois gêneros é produto do trabalho de construção diacrítica, ao mesmo tempo teórica e prática, que é necessário à sua produção como corpo *socialmente diferenciado* do gênero oposto (sob todos os pontos de vista culturalmente pertinentes).” Ou seja, existe um trabalho, em todos os âmbitos sociais e referente a todos os pontos de vista possíveis, que “molda” o masculino e feminino como contrários, antônimos, opostos.



Desta forma, meninos e meninas frequentam um ambiente em que precisam corresponder às expectativas de rendimento escolar e de normalidade (no sentido de performatizar adequadamente as condutas ditas como “naturais” e esperadas com relação ao sexo biológico). Meninos evidenciam comportamentos típicos do que se considera adequado para o seu gênero desde os primeiros anos na escola. Com mais ou menos intensidade, a depender da idade e do ambiente, eles apresentam modos, formas de se relacionar e de se comunicar que carregam os estigmas do que é “ser homem”. A falta de cuidado com seus materiais escolares ou com o asseio de suas roupas, não trazer itens que foram solicitados para as aulas e outras formas de demonstrar agressividade são comportamentos muito comuns. Alguns meninos das turmas do estágio adotavam essas condutas com colegas, com o material escolar, estruturas da escola (como por exemplo chutar classes, cadeiras e bater portas).

A expressão “meninos são assim mesmo” (Bola, 2020, p. 32) é comumente ouvida pela sociedade e muitas vezes nas conversas entre os professores, procurando justificar condutas como se fossem características natas. São comportamentos condicionados aos meninos, procuram se opor a docilidade e delicadeza que são ensinadas às meninas.

Observamos, então, que eles parecem "precisar" de mais espaço do que elas, parecem preferir "naturalmente" as atividades ao ar livre. Registramos a tendência nos meninos de "invadir" os espaços das meninas, de interromper suas brincadeiras. E, usualmente, consideramos tudo isso de algum modo inscrito na "ordem das coisas" (LOURO, 2014, p. 64).

Ídolos e inspirações

Crianças e adolescentes em fase escolar na atualidade são considerados pertencentes à Geração Alpha. Nascidos a partir de 2010, num tempo em que a internet, smartphones e tablets já eram bastante populares. Esses jovens possuem intimidade com o funcionamento de tais aparelhos, assim como as redes sociais de maior popularidade, em que criam perfis, encontram amigos e os influenciadores e personalidades favoritos (Drehmer, 2021).



Apesar de existirem inúmeros influenciadores, os alunos seguiam quase os mesmos perfis. Entre os meninos do sexto ano, a maioria seguia o jogador de futebol Neymar, assim como canais de *gameplay*³ do jogo Minecraft. Os garotos do sétimo ano também seguiam jogadores de futebol, porém a maioria das preferências apontava para cantores de *funk* e *rap*.

Os estudantes se encontravam saindo da infância, no auge da pré-adolescência, alguns já vivendo seus primeiros momentos como adolescentes, procurando novos modelos, inspirações para se vestir, falar, cortar o cabelo, novos amigos, buscando aceitação. Desta forma, os influenciadores digitais surgem como modelos de fácil acesso e assimilação, pois agradam aos olhos e satisfazem a necessidade de referências, o que se confirma a partir de uma breve visita nos perfis dos influenciadores preferidos pelos alunos. Além disso, estes perfis seguem, em sua maioria, padrões heteronormativos que correspondem a uma força simbólica. Para Bourdieu,

a força simbólica é uma forma de poder que se exerce sobre os corpos, diretamente, e como que por magia, sem qualquer coação física; mas essa magia só atua com o apoio de predisposições colocadas, como molas propulsoras, na zona mais profunda dos corpos. (Bourdieu, 2019, p. 69)

Ou seja, as performances encontradas nos conteúdos favoritos dos jovens agem em alinhamento a este tipo de ordem social, tanto para meninos quanto para meninas.

Desta forma, entendemos que o futebol e a música são aspectos muito relevantes para os jovens, e que necessitam de destaque a partir das formas que se manifestaram durante o período do estágio.

Por ser uma escola pública que não adota uniformes, os alunos tinham liberdade para usar as roupas que preferiam. Assim, era frequente entre os meninos o uso de camisetas de time de futebol, dos times Grêmio e do Internacional. Além da vestimenta, os rapazes expressavam suas preferências através das atividades artísticas desenvolvidas em nossas aulas.



Na proposta de colagem com desenho em papel A3, a fim de exercitar a expressão artística em formatos maiores, os estudantes foram desafiados a criar a partir de formas geométricas diversas. Nesta atividade alguns garotos coloriram as formas de azul ou vermelho e procuraram de alguma forma representar um jogador de futebol e escudo do time. Outros ignoraram as formas geométricas e desenharam bola e jogador de futebol. Já na proposta da máscara, alguns meninos resolveram de maneira simples, com as cores do time. Um menino fez 3 listras verticais, sendo a sequência azul, branco e preto; outro dividiu a máscara no meio, sendo que um lado pintou de branco e no outro lado colou um pedaço de EVA vermelho. Outro menino pintou a máscara de vermelho rapidamente. Ao ser desafiado a incrementar mais o trabalho, ele realizou algumas alterações, porém não gostou e rapidamente colocou no lixo, fazendo uma nova, metade vermelha, metade preta. Na atividade dos bonecos, vários meninos caracterizam seus personagens com bermuda e camiseta de time de futebol, mesmo não constando em nenhum local do texto a descrição de roupas do personagem.

Acreditamos que a paixão pelo futebol e mesmo a necessidade de saber jogar sejam parte da identidade compulsória que muitos meninos precisam adquirir para se manterem em local seguro, dentro dos padrões de masculinidades. O jogador de futebol facilmente se torna um ídolo inquestionável não só pela qualidade do seu futebol, mas pelo quão famoso é, sua vida social, suas “conquistas”. Esse sentimento acontece tanto para meninos quanto para homens adultos. Para muitos deste público analisado, Neymar é um herói e se tornou um ícone para uma geração de garotos que veem nele um modelo irretocável a ser seguido. Nolasco afirma que “Os meninos crescem tendo por padrão de comportamento um conquistador, ou guerreiro imaginário, de apetite sexual insaciável.” (Nolasco, 1993, p. 70).

As preferências musicais não apareceram nos trabalhos artísticos destes alunos, mas estiveram presentes em boa parte das aulas de artes quando algum aluno cantava ou colocava a música para tocar no smartphone. Em diversas aulas registramos com fotos e vídeos o andamento das aulas em conjunto com as interações musicais.



Alguns músicos que os alunos ouviam, e que conseguimos registrar em nosso diário foram L7nnon, Dalsiin, MC Kevin e MC Ig. O estilo musical deles varia entre funk carioca e *rap* e as letras das músicas abordam, em geral, questões da realidade da favela, sobre ficar rico e ostentar luxo e algumas sobre relacionamentos.

Ao pesquisar as redes sociais dos artistas, percebemos rapidamente que todos os vídeos e boa parte das fotos do Instagram e Tiktok dos artistas têm em comum uma estética que cultua corpos, bens de alto valor e diversão. Tanto no perfil de Neymar quanto dos cantores, as imagens mais frequentes mostram ostentação e exibição de itens de luxo. Nas redes sociais dos músicos, no entanto, há publicações de fotos com acessórios dourados, correntes muito largas, pingentes e grandes anéis. Notamos, também, que eles performatizam uma masculinidade viril, ativa e bem sucedida. Vemos os alunos imitarem as poses destes artistas em suas selfies, seja colocando a mão no rosto, fazendo “v” com os dedos, ou até mesmo o jeito de sentar e posicionar o corpo.

A masculinidade tangível

Durante o curto período do estágio, presenciamos diversas situações em que meninos, mesmo os mais novos, procuravam impor sua masculinidade perante os demais com atitudes agressivas, em diversos sentidos. Para JJ Bola, “Podemos inclusive entender a agressividade masculina como uma forma de hierarquia, uma maneira de testar quem é o mais forte do grupo sem precisarmos entrar em uma briga de verdade.” (Bola, 2020, p. 46)

Para tal, havia um exercício constante de vigilância de si e dos outros meninos, pois qualquer suposta “falha” seria motivo para brincadeiras e humilhações. O primeiro caso foi o de alunos rindo de outro garoto porque ele teria feito um “desenho de menina”. Entendemos, a partir das falas deles, que os motivos para tal julgamento seria porque o desenho estava colorido demais. Os frequentes atos de julgar e duvidar da virilidade de outros meninos são formas de afirmarem suas próprias masculinidades e superioridade perante o outro. De acordo com Pierre Bourdieu,



“sabe-se que, em inúmeras sociedades, a posse homossexual é vista como uma manifestação de "potência", um ato de dominação (exercido como tal, em certos casos, para afirmar a superioridade "feminizando" o outro)". (Bourdieu, 2019, p. 42). No caso destes alunos, essa “posse” do outro é simbólica, como forma de rebaixamento do “status” masculino perante aquele grupo.

A aula de artes como um momento de “transgressão”

Diferente das demais disciplinas do currículo do ensino básico, as aulas de artes permitem que os alunos quebrem algumas regras que são mais ou menos explícitas. Como se houvesse uma libertação de algumas amarras para que se permitam certos tipos de performances que não são tolerados fora deste momento. Como na brincadeira, os indivíduos ali envolvidos estão de acordo de que todos possam brincar e fantasiar sem que sejam julgados por isso.

Nas migalhas que encontramos nas observações do estágio, sentimos que os alunos precisavam criar arte, fruir, aprender a pensar criativamente. Eles careciam de contato com materiais com quais eles pudessem vivenciar arte de maneira diferente do que aprenderam até então. Importante salientar que o percurso do Ensino Fundamental das duas turmas foi afetado em função da pandemia de Covid-19, período de praticamente dois anos em que os alunos não tiveram aulas presenciais em suas escolas. Para alunos na faixa etária em que trabalhamos, percebemos que muitas questões do aprendizado foram afetadas negativamente em diversos sentidos. Uma delas é não ter experienciado aulas de artes nesse período e outra, a própria falta de convívio com outras crianças da mesma idade.

Além destas questões que envolveram a pandemia, é importante salientar adversidades relacionadas ao local em que os alunos moram: uma região periférica, pobre, com diversas questões de desigualdade, precariedade quanto à saneamento, habitação e violências, em que disputas de poder são comuns em grupos de homens de diversas faixas etárias. Inseridos nestes contextos, gerar respeito e “ganhar” uma briga ocorrem de forma semelhante ao que se vê fora da escola. Para Jonas Alves da



Silva Junior e Maria de Lourdes Ramos da Silva (*apud* Silva Junior; Silva, 2018, p. 97), “Isso ocorre porque o padrão de masculinidade é concebido por meninos e homens não tanto pelo anseio de serem viris, mas pelo medo de serem vistos como pouco masculinos ou, na perspectiva dos outros, de tornarem-se mulher.”

Expressando sua arte (como um homem faz)

Aqui precisamos referir as expressões “coisa de menina” e “parece menininha”, que foram repetidas várias vezes em ambas as turmas. Elas são atribuídas por determinadas ações feitas pelos meninos que, supostamente, diminuem a sua masculinidade, tendo como objetivo humilhar ou subjugar. Os alunos

se expressam em termos que buscam ofender homens heterossexuais, identificando-os como homossexuais, tais como “marica” e “bicha”, termos que, simbolicamente, são afirmados como forma negativa de associar o feminino aos homens.” (Pereira; Brito *apud* Silva Junior; Silva, 2018, p. 2016)

Nas aulas de arte, os alunos desempenharam performances com maior ou menor ocupação de espaço físico da sala de aula, seja sentado em uma cadeira desenhando ou transitando, a fim de mostrar o andamento do seu trabalho artístico ou para ver o trabalho dos colegas, e frequentemente comparava5bm os trabalhos realizados, as escolhas, inspirações, cores. Tais práticas eram bastante comuns entre os meninos antes mesmo de eu iniciar as práticas do estágio. Um número pequeno, mas de importância dentro da sala, circulava e frequentemente proferia os termos “cor de guria”, “trabalho de veado”, entre tantas outras ofensas que procuravam desqualificar o trabalho dos outros meninos. De acordo com Daniela Auad (2006, p. 39), “as diferenças entre meninas e meninos certamente não são naturais. Meninas que aparentam meiguice ou meninos que falam aos gritos são resultantes do modo como as relações de gênero foram construídas na nossa sociedade ao longo do tempo.”

Na produção das máscaras, houve a repetição de cores como azul e o preto. O vermelho apareceu, em geral, nas produções dos meninos que torciam para o Internacional. As cores como o verde, o laranja e o marrom também foram escolhas



frequentes dos garotos. Eles utilizaram, predominantemente, tinta e optaram pelo formato de “escudo” para a máscara, conforme exemplos acima, além do formato quadrado. Os meninos imitavam muito uns aos outros, e por isso pouco dos recursos extras foram aproveitados por eles, pois evitaram sair de uma suposta “zona permitida” e serem julgados. Ao se aproximarem de algo desconhecido e perigoso, os meninos corriam o risco de ouvir as constantes expressões referidas no início deste capítulo, remetendo a qualidade de suas obras a características femininas, que poderia suscitar vulnerabilidade perante os demais alunos.

Os meninos que trabalharam com os bonecos de arame e jornal também se mantiveram em “áreas seguras” e imitavam-se desde o início da construção, medindo e comparando suas produções. Quanto ao acabamento dos bonecos, uma parte dos garotos pintou com uma ou no máximo duas cores, procurando representar a cor da pele e a cor da roupa, e se queixaram dizendo que “fazer cabelo e rosto” era complicado demais. Outra parte dos meninos pintou a “pele” dos bonecos tentando criar uma tinta parecida com o tom de sua pele. Após, utilizaram tecidos e fios para as roupas e cabelos. Nestes acabamentos, alguns brincavam com cores de cabelos diferentes, como o azul e o verde, feitas de lã; porém, na composição da vestimenta dos bonecos, os meninos utilizaram os mesmos tecidos, nas cores azul, verde e laranja.

Considerações finais

A temática das masculinidades, apesar de não ser nova, ainda é pouco explorada por pesquisadores, principalmente no questionamento de como elas atravessam as experiências nas aulas de Arte dos alunos. Estipulamos que o objetivo geral da pesquisa seria o de analisar de que forma se manifestam aspectos das masculinidades nos fazeres artísticos dos alunos de ensino fundamental no estágio obrigatório no ano de 2023.

A partir dos registros, trabalhamos de forma minuciosa procurando as migalhas que fariam sentido e que poderiam responder aos questionamentos iniciais. O método foi



concebido a partir do conceito de “catadores” de Fernando Hernández (2007). Com base nos registros, buscamos autores na área da arte, educação e gênero para dar sentido aos fatos vividos e estabelecer as relações necessárias para reflexões sobre a problemática.

Rótulos comuns em ambientes escolares, que delimitam meninas como mais organizadas e calmas, e meninos como bagunceiros e pouco dedicados ao estudo, foram vistos com clareza nestas duas turmas, a ponto de muitas vezes a performatização soar caricaturizada. Bourdieu afirma que “a virilidade [...] é uma noção eminentemente *relacional*, construída diante dos outros homens, para os outros homens e contra a feminilidade, por uma espécie de *medo* do feminino, e construída, primeiramente, dentro de si mesmo” (Bourdieu, 2019, p. 91, grifos do autor). Mesmo observando meninos, é possível perceber como é presente a performatização da virilidade entre os alunos com quem convivemos.

Pensando ainda em como os alunos buscam performatizar na aula de Artes, entendemos como buscam agir dentro dos padrões normativos. A construção do fazer artístico de cada aluno é único, porém, mescla-se com um conjunto de regras que se reiteram o tempo todo, resultando em produções muitas vezes simplistas, semelhantes umas às outras, a fim de não se situar no campo do que é restrito ou do que passa dos limites do aceitável para “homens” fazerem. Com relação a isto, complemento com a reflexão de Butler (2001. p. 163): “E aqui não seria tampouco correto afirmar que o termo ‘construção’ pertence ao lugar gramatical do sujeito, pois a construção não é nem o sujeito, nem o seu ato, mas um processo de reiteração pelo qual tanto os ‘sujeitos’ quanto os ‘atos’ vêm a aparecer totalmente.”

Ao final deste trabalho acreditamos que ainda há muito por estudar sobre as questões que envolvem gênero e escola. É preciso que os docentes estejam atentos ao lidar com as diferenças, compreendendo que as questões que envolvem a sexualidade não podem ser encaradas como binárias, mas como um leque diverso que compreende muitas outras manifestações além de apenas o masculino e feminino. Colocar em



pauta o respeito à diversidade e compreender que não há necessariamente certo ou errado é urgente. Talvez, se nós docentes nos incumbirmos destas questões, consigamos afrouxar um pouco as normas e restrições performáticas de gênero pelas quais não só as crianças são submetidas, mas todos que estão inseridos num dado contexto cultural.

Referências

AUAD, Daniela. **Educar meninas e meninos: relações de gênero na escola**. São Paulo: Contexto, 2006.

BALISCEI, João Paulo. **Não se nasce azul ou rosa, torna-se: cultura visual, gênero e infâncias**. Salvador: Devires, 2021.

BOLA, JJ. **Seja homem: a masculinidade desmascarada**. Porto Alegre: Dublinense, 2020.

Bourdieu, Pierre. **A dominação masculina**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2019.

BROUGÈRE, Gilles. **Brinquedo e cultura**. São Paulo: Cortez Editora, 2000.

BUTLER, Judith. **Corpos que importam**. Os limites discursivos do “sexo”. São Paulo: n-1 Edições, 2020.

BUTLER, Judith. Corpos que pesam: sobre os limites discursivos. *In*: LOURO, Guacira Lopes. **O corpo Educado: Pedagogias da sexualidade**. Belo Horizonte: Autêntica, 2001. p. 151-172

DALSIN. **A mente até que é do bem, coração que é meio malvado** [S.l.], 19 nov. 2022. Instagram: @dalsiin_. Disponível em: https://www.instagram.com/p/CIJdDEhuLV_/?img_index=1. Acesso em 14 ago. 2024.

DALSIN. **Eita por###!** [S.l.], 16 jan. 2023. Instagram: @dalsiin_. Disponível em: <https://www.instagram.com/p/CnezxSduDQE/>. Acesso em 14 ago. 2024.

DREHMER, Vanessa. **“Fala moleques e bonecas”**: masculinidades do youtuber Rezende. Dissertação de Mestrado em Comunicação. 2021. Programa de Pós-Graduação em Comunicação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre.

FELIPE, Jane; GUIZZO, Bianca Salazar; QUESADA, Dinah. (orgs.) **Infâncias, gênero e sexualidade nas tramas da cultura e educação**. Canoas: ULBRA, 2013.



HERNÁNDEZ, Fernando. **Cultura visual, mudança educativa e projeto de trabalho**. Porto Alegre: Artes Médicas Sul, 2000.

HERNÁNDEZ, Fernando. **Catadores da cultura visual: transformando fragmentos em nova narrativa educacional**. Porto Alegre: Mediação, 2007.

KEVIN BUENO. **Bom dia família** [S.I.], 11 maio 2021. Instagram: @mckevin. Disponível em: <https://www.instagram.com/p/COvExoNn9gE/>. Acesso em 14 ago. 2024.

KEVIN BUENO. **Família VIDA DE ARTISTA** [S.I.], 9 maio 2021. Instagram: @mckevin. Disponível em: https://www.instagram.com/p/COpDc7YHfpp/?img_index=2. Acesso em 14 ago. 2024.

L7NNON. [S.I.], 14 jul. 2024. Instagram: @l7nnon. Disponível em: https://www.instagram.com/p/C9bMv4Hp3BF/?img_index=1. Acesso em 14 ago. 2024.

L7NNON. **BAQUEANDO em breve** [S. I.], 9 ago. 2024. Instagram: @l7nnon. Disponível em: https://www.instagram.com/p/C-dl9_7J560/?img_index=1. Acesso em 14 ago. 2024.

LOURO, Guacira Lopes. **Gênero, sexualidade e educação: uma perspectiva pós-estruturalista**. Petrópolis: Vozes, 2014.

LOURO, Guacira Lopes. FELIPE, Jane. GOELLNER, Silvana Vilodre (org.). **Corpo, gênero e sexualidade: um debate contemporâneo na educação**. Petrópolis: Vozes, 2010.

NEYMAR JR. [S.I.], 14 set. 2022. Instagram: @neymarjr. Disponível em: <https://www.instagram.com/p/CigMpdAI3Yj/>. Acesso em 14 ago 2024.

NEYMAR JR. **Foguete não tem ré** [S.I.], 10 ago 2022. Instagram: @neymarjr. Disponível em: <https://www.instagram.com/p/ChE5CJvLdMi/>. Acesso em 14 ago. 2024.

NEYMAR JR. **Mais um dia de trabalho** [S.I.], 19 abr. 2024. Instagram: @neymarjr. Disponível em: https://www.instagram.com/p/C58_xC_LuAX/?img_index=1. Acesso em 14 ago. 2024.

NEYMAR JR. **Naípe de ARTISTA, pique de JOGADOR**. [S.I.], 26 jun. 2024. Instagram: @neymarjr. Disponível em: <https://www.instagram.com/p/C8sMDXxSA0o/>. Acesso em 14 ago. 2024.

NOLASCO, Sócrates. **O Mito da Masculinidade**. Rio de Janeiro: Rocco, 1993.

OMCIG4M. [S.I.], 13 ago. 2024. Instagram: @omcig4m. Disponível em: https://www.instagram.com/p/C-ln2duuKgr/?img_index=1. Acesso em 14 ago. 2024.

OMGCIG4M. **Canela fina pescoço pesado** [S.I.], 16 jul. 2024. Instagram: @omcig4m. Disponível em: <https://www.instagram.com/p/C9fbC6ZuLeC/>. Acesso em 14 ago. 2024.

PEREIRA, Erik Giuseppe B.; BRITO, Leandro Teofilo. **Meninos de verdade: discursos de masculinidades na educação física infantil**. In: CAETANO, Marcio; SILVA JUNIOR, Paulo



Melgaço (org.) **De guri a cabra-macho**: masculinidades no Brasil. Rio de Janeiro: Lamparina, 2018.

PINTO, Andre Luiz. **Jogos digitais e educação**: o mundo aberto de minecraft na aprendizagem situada ludoleturada. 2021. Dissertação (Mestrado em Estudos de Linguagens) - Universidade Tecnológica Federal do Paraná, Curitiba, 2021.

RESTIER, Henrique; SOUZA; Rolf Malungo de (orgs.) **Diálogos Contemporâneos sobre homens negros e masculinidade**. São Paulo: Ciclo Contínuo Editorial, 2019.

ROLNIK, Suely. Toxicômanos de identidade. In "Toxicômanos de identidade. Subjetividade em tempo de globalização", **Cultura e subjetividade**. Saberes Nômades, org. Daniel Lins. Papyrus, Campinas 1997; pp.19-24.

SILVA JUNIOR, Jonas Alves da; SILVA, Maria de Lourdes Ramos da. Não tem nenhum viado aqui": a construção de masculinidades em uma unidade socioeducativa do município do Rio de Janeiro. In: CAETANO, Marcio; SILVA JUNIOR, Paulo Melgaço (org.) **De guri a cabra-macho**: masculinidades no Brasil. Rio de Janeiro: Lamparina, 2018.

Notas

¹ Mestre em Comunicação pelo Programa de Pós Graduação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul - UFRGS (2021). Licenciada em Artes Visuais pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul - UFRGS (2024). Bacharel em Comunicação Social - Hab. Publicidade e Propaganda pela Universidade do Vale do Rio dos Sinos - UNISINOS (2010). Pesquisadora das Masculinidades e seus desdobramentos na cultura, educação e artes visuais. Lattes: <https://lattes.cnpq.br/9369912294637820>

² Doutor em Educação [Faculdade de Educação - UFRGS 2008], Mestre em Educação pela mesma instituição [2002]. Bacharel em Artes Plásticas: habilitação Desenho - Instituto de Artes da UFRGS [1993], e Licenciado em Educação Artística para 1 e 2 Graus - Instituto de Artes da UFRGS [1992]. É professor Associado 3 da UFRGS nos Cursos de Graduação em Artes Visuais: Bacharelado e Licenciatura. Tem experiência na área de Educação com ênfase no Ensino de Arte, atuando principalmente nos temas: arte, masculinidades, adolescência e juventude. Lattes: <http://lattes.cnpq.br/1613583163752757>

³ *Gameplay* é o nome dado aos vídeos em que as pessoas gravam a tela do seu computador enquanto jogam. Em geral gravam a sua voz enquanto jogam e, em alguns casos, gravam a si mesmos e inserem estas imagens no vídeo